

SOBRE A PRÁXIS EDUCATIVA E O PRÍNCÍPIO ESPERANÇA: UM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE

**RENATA BEHLING DE MELLO¹;
DIRLEI DE AZAMBUJA PEREIRA²**

¹Universidade Federal de Pelotas – behlingrenata@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pereiradirlei@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho originou-se da proposta de ensino por práticas investigativas realizada na disciplina optativa *Diferentes Leituras e Reflexões acerca da Biobibliografia de Paulo Freire*, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Sua especificidade foi o estudo da vida e da obra Paulo Freire. Diante da ideia inicial, neste estudo nosso objetivo é suscitar reflexões em torno de duas obras específicas do autor em análise, sendo elas *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, sobretudo problematizar a concepção de práxis educativa em ambas as produções, entendida como um cenário único de fortalecimento de uma esperança crítica. Este tema surge mediante a constatação de que o termo *práxis educativa* está sendo usado sem o real conhecimento de seu significado, sendo assim, as fundamentações teóricas, aqui apresentadas, pretendem esclarecer particularmente os dois conceitos: práxis educativa e esperança. A pesquisa se encontra em estágio bem inicial. Acreditamos que, com o seu desenvolvimento, as reflexões suscitadas despertarão mais questionamentos acerca de suas formulações.

2. METODOLOGIA

A base metodológica principal será a análise de duas obras freirianas, sendo elas *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, as quais servirão como fundamentações teóricas para problematizações e conceitualizações acerca das formulações produzidas pelo autor, em conjunto com o estudo documental de outros que auxiliem na compreensão e elaboração das discussões.

Destacamos que as análises, em investigações de matriz bibliográfica, necessitam assumir a qualificação observada por Saviani (1996), quando assevera que a radicalidade, rigorosidade e globalidade precisam ser adotadas nesse processo, pois, desse modo, haverá a possibilidade de construirmos uma pesquisa capaz de problematizar o objeto de estudo, compreendê-lo em sua razão de ser, analisá-lo de maneira séria e perceber as conexões a que está sujeito o tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Introduzimos nossas discussões com uma reflexão de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Esperança*, que caracteriza o poder que o conceito esperança exerce na realidade do sujeito:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tomba na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados

apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial, como digo mais adiante no corpo desta *Pedagogia da esperança*, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã (FREIRE, 2014a, p.15).

A esperança passa a ser compreendida não apenas como uma definição, mas como um sentimento capaz de ser despertado no sujeito de acordo com as possibilidades da realidade na qual ele está inserido. O conceito *esperança* é aqui definido da seguinte maneira, nas escritas de Misoczky et al. (2009): “[...] a esperança, o afeto expectante contrário à angústia e ao medo, que tem como referência o horizonte mais amplo e mais claro, o impulso para a frente” (p.450). Esse despertar para o horizonte só se torna viável se houver o diálogo, sendo o mesmo primordial nas relações humanas e viável de ser exercido nas práticas pedagógicas dentro do âmbito escolar, podendo ser o responsável por suscitar a reflexão e a crítica acerca das realidades. A consciência impulsiona no indivíduo a capacidade de reflexão a partir da sua ação, o que proporciona a mudança do cenário educativo, que é essencial na transformação do sujeito e primordial na mudança como um todo, visto que tudo isso ocorre por meio de um processo mediado pelo mundo e por tudo que nele pertence.

A tomada de consciência é fator determinante, nas palavras do professor Ernani Maria Fiori, para que toda a ação transformadora se consolide. Segundo o referido autor, na introdução do livro *Pedagogia do Oprimido*: “A consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes” (FIORI, 2014, p.18). Ou seja, é substancial exercitar práticas educativas que tenham como foco o aprofundamento dessa consciência, tão basilar e possível de ser exercida quando organizada, estruturada e com indivíduos engajados nessa luta.

Nesse cenário, é vital a capacidade de reflexão a partir da ação e da ação ressignificada que dela emerge, o que se denomina como práxis, entendida como uma processo dialético entre educador, educando e sociedade, em que o sujeito, diante da tomada de consciência de sua realidade, desenvolve ações mais emancipadoras.

Por isso, urge a necessidade de revermos nossas práticas, para que elas oportunizem espaços-tempos conscientizadores. Tomando como referência a definição do conceito *consciência* acima, podemos perceber a sua importância, pois nas palavras do professor Ernani Maria Fiori, ainda na introdução de *Pedagogia do Oprimido*, observa que afastando-se “de seu mundo vivido, problematizando-o, ‘descodificando-o’ criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência” (2014, p.20).

No entanto, a pedagogia pode assumir um caráter dual se compreendia de maneira errônea, ao invés de seguir por um caminho emancipador, se mostre como um mecanismo de reprodução de uma educação autoritária, que rompe com toda a proposta crítica desse saber. Desse modo, é necessário que a educação refute “a resistência da receptividade, a ‘receptividade do mundo embotado’, que recusa o que não se encaixa no habitual” (MISOCZKY et al., 2009, p.451). É no diálogo constante que paradigmas desse estilo podem ser rompidos, dando lugar a realizações possíveis, sustentando o conceito de

esperança como algo viável de ser produzido e reproduzido nas práticas e pelas práticas, não de maneira idealizada, e sim suscetível de acontecer.

4. CONCLUSÕES

Diante dos questionamentos anteriores, apresentamos como considerações a necessidade de pensarmos em práticas pedagógicas que abarquem o desenvolvimento consciência crítica, acerca de si e do mundo. Assim, a partir da pedagogia freiriana, o conceito de inédito-viável é compreendido como a possibilidade concreta de análise da realidade e de suas possibilidades históricas de superação das situações-limites. Nas reflexões expostas por Misoczky et al. (2009, p.460), no que se referem ao termo em questão, é premente observar “que os seres humanos não somente vivem, mas existem” e que sua “existência que é histórica”. Freire ainda adverte que mulheres e homens “são consciência de si mesmos e, assim, consciência do mundo, porque são ‘corpo consciente’ e vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade” (MISOCZKY et al., 2009, p.460). Destarte, nas mais diversas relações *no* e *com* o mundo e os outros seres humanos, “os sujeitos podem ultrapassar as *situações-limite*, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, mas apenas como obstáculos à sua libertação [...]” (MISOCZKY et al., 2009, p.460). Isto é, para mudar a visão sobre determinada situação, é necessário que ocorra o diálogo entre as pessoas, é essencial que elas compartilhem experiências e visões de mundo. Nessa troca de ideias, também estão fortemente relacionados os sentimentos, os afetos e as emoções. Pensamos que esses podem impulsionar uma ação transformadora no cotidiano dos sujeitos. É no movimento de conhecer a realidade que perturba que emerge a possibilidade de mudar a ordem das coisas pelos indivíduos.

Para que isso ocorra, é fundamental que a prática seja estruturada e bem organizada para que de fato se consolide como ação transformadora, em que a esperança se mostre como resistência diante das barbáries provocadas pelo capitalismo. Nas palavras de Freire (2014b, p.51):

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

A pesquisa encontra-se em andamento, mas já aponta para possíveis resoluções. No entanto, acreditamos que poderão emergir, durante esse processo, outras reflexões e formulações que desconstruam ideias enraizadas sobre a realidade em que estamos inseridos, a qual nos mantém em constante meditação.

Com isso, encerramos nossas discussões momentaneamente com as palavras de Gadotti, quando assevera sobre o longo trajeto que há na transformação da pedagogia, dos sujeitos e da sociedade no geral. Entendemos que essas observações auxiliam no nosso papel enquanto indivíduos e futuros educadores, conscientes de nossa responsabilidade social. Declara Gadotti (2010, p.31):

Em pedagogia, a prática é o horizonte, a finalidade da teoria. Por isso o pedagogo vive a dialética instigadora entre o seu cotidiano, a *escola vivida* e instituída, e escola dos seus sonhos, a *escola projetada* que

procura dar vida, instituir, na escola instituída. A teoria pedagógica antecipa o indivíduo educado, mesmo que seja sempre como horizonte e nunca como o ponto de chegada, pois a educação é um processo realmente interminável. O educador antecipa uma realidade que ainda não existe, mas que deseja criar. A educação é ao mesmo tempo promessa e projeto. Por isso a educação é também utopia.

Acreditamos que, movidos pela esperança crítica, que é tempo de *quefazer*, mulheres e homens podem construir um mundo radicalmente justo e humano. Na efetivação desse sonho possível, a educação tem um papel muito importante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIORI, E. M. Prefácio – Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p.11-30.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2010.

MISOCZKY, M. C. A. et al. Bloch, Gramsci e Paulo Freire: referências fundamentais para os atos da denúncia e do anúncio. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.7, n.3, artigo 4, p.447-471, set. 2009.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 12. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996.